



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-SOUSA

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

ECONOMIA SOLIDÁRIA EM MOVIMENTO: ESTUDO DE CASO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA OFERECIDOS NO IFSP CAMPUS ILHA SOLTEIRA

Eduardo Roberto Mendes (IFSP)

Marcos da Cruz Alves Siqueira (IFSP)

Palavras-chave: Economia Solidária; IFSP campus Ilha Solteira; Programa Manuel Quirino; Programa IPÊ; Desenvolvimento do território.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa relatar, de forma sucinta, a experiência de implantação e desenvolvimento dos cursos de **Agente de Desenvolvimento Cooperativista Solidário** e de **Gestão de Empreendimentos Econômicos Solidários** no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), especificamente no campus Ilha Solteira, durante o ano de 2024. A grande maioria das estudantes dos dois cursos oferecidos foi composta por mulheres: artesãs, assentadas e empreendedoras individuais. Muitas delas já atuavam como associadas e cooperadas, e, ao longo da formação, aprofundaram seus conhecimentos e vivenciaram experiências práticas sobre os princípios da economia solidária. Essas aprendizagens foram levadas para suas comunidades e territórios, resultando em ações que contribuíram para uma gestão mais democrática, colaborativa e solidária.

Destacam-se, a seguir, os objetivos dos cursos mencionados. O curso de Agente de Desenvolvimento Cooperativista Solidário tem como metas: construir e ampliar conhecimentos relativos a Direitos Humanos, Educação Socioambiental e Sustentabilidade, Educação das Relações Étnico-Raciais, Cidadania, Gênero, Ética e Relações Humanas, Políticas Públicas e Mundo do Trabalho; auxiliar no planejamento e execução de processos cooperativos; prestar assistência e serviços aos/às cooperados/as; promover e atuar na constituição de cooperativas em comunidades locais; desenvolver estratégias de fomento às políticas públicas de economia solidária, à criação de Empreendimentos Econômicos Solidários e à articulação de redes de cooperação e cadeias produtivas solidárias.



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-BONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

Já o curso de Gestão de Empreendimentos Econômicos Solidários tem como objetivos: desenvolver e dominar conceitos e práticas de controle financeiro; realizar planejamento voltado a micro e pequenas empresas; compreender e aplicar técnicas de negociação e gestão de marketing; desenvolver competências em gestão de pessoas, associativismo e cooperativismo; utilizar fundamentos da excelência em gestão aplicados a pequenos empreendimentos; identificar oportunidades de mercado com base em técnicas de inovação; além de estruturar planos de desenvolvimento solidário, abrangendo organização produtiva, financeira, autogestão, comercialização, entre outros aspectos. Assim como no curso anterior, também se busca construir e ampliar saberes relacionados a Direitos Humanos, Sustentabilidade, Relações Étnico-Raciais, Gênero, Cidadania, Ética, Políticas Públicas e Mundo do Trabalho.

Ambos os cursos foram financiados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) por meio do Programa Manuel Quirino no âmbito das ações de fomento da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) — criada em 2003, durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e desativada em 2018 sob a gestão do então presidente interino Michel Temer. Dessa forma, ao realizarmos este breve relato sobre a implementação dos cursos no IFSP – Campus Ilha Solteira, reafirmamos o papel estratégico da educação pública e das políticas de formação profissional na consolidação da economia solidária como alternativa real de desenvolvimento justo, sustentável e inclusivo para os territórios periféricos e para os sujeitos historicamente marginalizados. Vale destacar também, que todos os estudantes do curso receberam uma bolsa-auxílio no valor de até R\$300,00 reais mensais para custear a sua alimentação e transporte, o que indica uma maior possibilidade de permanência nos estudos.

Portanto, o fomento de práticas que valorizam a cooperação, a autogestão e a solidariedade, contribui para a construção de saberes críticos e emancipatórios, que possibilitam a transformação das realidades locais e a ampliação da cidadania, promovendo assim, uma educação para além do capital.

METODOLOGIA

O trabalho adotou uma abordagem metodológica qualitativa e descritiva, articulando revisão bibliográfica e relato de experiência. A revisão bibliográfica teve como objetivo principal a sistematização de conceitos, relacionados à economia solidária, tomando como referência Paul Singer (2002). Além disso, houve observações diretas e sistematização de



vivências dos autores enquanto docente e coordenador dos cursos de Agente de Desenvolvimento Cooperativista Solidário e de Gestão de Empreendimentos Econômicos Solidários, realizados no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Campus Ilha Solteira, no ano de 2024. As imagens foram feitas com anuência dos discentes e docentes. A partir da convivência com as turmas, do acompanhamento pedagógico e do processo formativo, foi possível construir uma breve análise das práticas educativas e dos possíveis efeitos dessas formações nos territórios das(os) participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Paul Singer (2002, p. 24), “a economia solidária nasceu pouco depois do capitalismo industrial, como reação ao espantoso empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção”. Desde então, diferentes formas de organização do trabalho têm sido desenvolvidas como alternativas ao modelo capitalista hegemônico, como associações, cooperativas, empresas autogeridas e redes solidárias.

O geógrafo Milton Santos (2011) chamava a atenção para a importância dos atores “de baixo” que resistem e constroem outras formas de territorializar os espaços e a economia, mesmo na contramão dos mandos do poder hegemônico:

[...] os esforços para restabelecer o emprego dirigem-se, sobretudo, quando não exclusivamente, ao circuito superior da economia. Mas esse não é o único caminho e outros remédios podem ser buscados, segundo a orientação político-ideológica dos responsáveis, levando em conta uma divisão do trabalho vinda “de baixo”, fenômeno típico dos países subdesenvolvidos (SANTOS, 2011, p. 162-163).

Uma dessas formas de resistência foram as várias experiências relacionadas aos princípios da economia solidária que foram impulsionadas como resposta pelas classes trabalhadoras no Brasil, principalmente nos fins do século XX. A economia solidária se configura, como uma forma de resistência e de produção social, baseada em princípios como autogestão, cooperação, solidariedade e valorização do território. Desta forma, podemos definir:

“A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa



única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade” (SINGER, 2002, p. 10).

Atualmente outros autores discutem conceitos ligados à ideia de economia solidária, entre eles destacamos a contribuição de Renato Dagnino (2019) que nos traz o conceito de Tecnociência Solidária em que:

Tecnociência solidária é a decorrência cognitiva da ação de um coletivo de produtores sobre um processo de trabalho que, em função de um contexto socioeconômico (que engendra a propriedade coletiva dos meios de produção) e de um acordo social (que legitima o associativismo), os quais ensejam, no ambiente produtivo, um controle (autogestionário) e uma cooperação (de tipo voluntário e participativo), provoca uma modificação no produto gerado cujo resultado material pode ser apropriado segundo a decisão do coletivo (empreendimento solidário). (DAGNINO, 2019, p. 61-62).

Dagnino (2019) traz ainda que o conceito de tecnociência solidária traz consigo um viés sobre a importância de um plano de ação política relacionada a implementação de políticas elaboradas para disseminar e incentivar a construção e práticas ligadas à economia solidária. Para ele a discussão e construção do conceito busca:

[...] mediante a conscientização, mobilização, participação e empoderamento dos movimentos populares e por meio da ação do Estado, gerar um conhecimento para a produção de bens e serviços capaz de promover a sustentabilidade dos empreendimentos solidários que estão emergindo no âmbito da economia capitalista periférica brasileira (DAGNINO, 2029, p. 62).

Portanto o papel do Estado como agente incentivador é crucial para a expansão de políticas e ações que incentivem ações voltadas à economia solidária como contraponto ao atual cenário econômico em que avançam lógicas neoliberais de individualismos e meritocracia, que aumentam a desigualdade social e precarizam as formas de trabalho.

Neste contexto, emerge o Programa IPÊ — Programa de Formação e Qualificação Profissional em Economia Popular e Solidária nos Institutos Federais das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul — como uma política pública vinculada ao Programa Manuel Querino, da Secretaria Nacional de Economia Popular e Solidária (SENAES). O Programa IPÊ tem por objetivo fomentar experiências formativas que articulem os princípios da economia solidária à



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-SOBRAL

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

formação profissional, especialmente de populações em situação de vulnerabilidade social, mas, sem perder o foco de apresentar práticas e novas possibilidades nas relações de trabalho diante do capital.

Em 2024, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) regulamentou a implementação do IPÊ por meio da oferta de cursos de extensão de Formação Inicial Continuada (FIC) nos campi de Avaré, Birigui, Ilha Solteira e São José dos Campos. No campus Ilha Solteira, foram ofertados dois cursos: **Agente de Desenvolvimento Cooperativista Solidário** e **Gestão de Empreendimentos Econômicos Solidários**. Ambos os cursos foram voltados a públicos diversos, majoritariamente mulheres, incluindo artesãs, moradoras de assentamentos da reforma agrária, produtoras da agricultura familiar, empreendedoras individuais e integrantes da AARTIS (Associação dos Artesãos de Ilha Solteira), (figura 1).

Figura 1: Participantes dos cursos em 2024



Fonte: Autores, 2024.



Os participantes do curso, além de ajuda de custo financeira, receberam um kit com materiais para utilizar durante o curso contendo, cadernos, lápis, canetas, estojo, bolsa e camisetas.

Durante quatro meses, as aulas ocorreram no período noturno, com conteúdos programáticos descritos nos PPCs dos Cursos, divididos em Módulo Básico, Tempo Comunidade e Módulo Profissional. O módulo Básico e Tempo Comunidade foi desenvolvido com as duas turmas dos dois cursos que consistiu, resumidamente, nas seguintes abordagens:

Gêneros textuais, que buscou desenvolver habilidades das mais diversas formas de linguagens, registros escrito e oral da língua portuguesa e as modalidades formal e informal, adequadas às mais diversas situações de comunicação utilizando material da Economia Solidária.

Habilidades de Raciocínio para atender demandas cotidianas dos Empreendimentos de Economia Solidária (EES), abordando as quatro operações básicas da matemática utilizadas em situações concretas dos empreendimentos,

Informática básica para atender demandas cotidianas dos EES, desenvolvendo habilidades de informática e adquirir conhecimentos fundamentais que permitam a utilização das novas TIC's (Tecnologias da Informação e da Comunicação) para atender as demandas cotidianas dos E.E.S. Utilização das redes sociais e as plataformas de e-mail, adequando a linguagem formal e informal na produção de mensagens.

O mundo do trabalho, para compreensão da importância de assegurar a saúde e segurança no ambiente laboral; Desenvolvimento de habilidades de convívio e interação no ambiente laboral, e a prática de tomadas de decisão em conjunto, no modelo de autogestão; Possibilidades de desenvolvimento profissional na perspectiva da economia solidária; Desenvolvimento de currículos individuais, bem como coletivos.

Normas e Regras em relação aos direitos humanos, sociais e trabalhistas, o entendimento dos direitos humanos como valores universais e aspectos de responsabilidade socioambiental.

Tempo em Comunidade (MTC) com o planejamento do Tempo Comunidade, observando as diretrizes apresentadas na metodologia e, compreendendo ainda os aspectos culturais, de regionalidade, coletividade, interdisciplinaridade, contextualização e complementaridade entre os componentes curriculares previstos.



As diferenças dos conteúdos dos dois cursos se deram no **módulo profissional**, em que foram desenvolvidas de acordo com as especificidades e objetivos de cada curso, portanto no curso de **Gestão de Empreendimentos Econômicos Solidários** foram desenvolvidas as seguintes abordagens:

Aspectos Gerais da Economia Solidária buscando o entendimento do conceito e os princípios da Economia Solidária; Sustentabilidade do empreendimento e do meio ambiente, o cooperativismo de caráter solidário e a concepção do trabalho associado como princípio educativo. Fortalecimento da Economia Solidária como: o comércio justo e solidário, o consumo responsável, o trabalho em redes de cooperação, as finanças solidárias, o desenvolvimento de tecnologias sociais, a atuação de entidades de apoio. Entendimento da Economia Solidária como movimento social e também como uma política pública.

(Auto)Gestão dos Empreendimentos Econômicos Solidários buscando compreender a autogestão e relações interpessoais pautadas por princípios éticos e coletivos, a divisão de tarefas, a importância e controle da qualidade dos produtos/serviços, controle do processo produtivo; Desenvolvimento de estratégias de comunicação e divulgação: organização das vendas, valorização do produto, importância e instrumentalização das mídias sociais (o que são, tipos, como tirar fotos adequadas, estratégias de impulsionamento), as feiras de economia solidária. Compreensão sobre políticas públicas e financiamento e desenvolvimento de projetos: política pública como direito, possíveis editais de fomento para a EES e trazer aspectos operacionais para a construção dos projetos.

Tempo em Comunidade (MTC) com o planejamento do Tempo Comunidade, observando as diretrizes apresentadas na metodologia e, compreendendo ainda os aspectos culturais, de regionalidade, coletividade, interdisciplinaridade, contextualização e complementaridade entre os componentes curriculares previstos.

Já no curso de **Agente de Desenvolvimento Cooperativista Solidário** foram desenvolvidas as seguintes abordagens:

Introdução à Economia Solidária, que propôs a apresentação dos integrantes da turma e realizado um diálogo sobre o conceito de Economia Solidária a partir do diálogo. Apresentação do Histórico da Economia Solidária com destaque na realidade brasileira e resgate de exemplos de EES consolidados. Estudos de casos de grupos existentes no território; os princípios que norteiam a prática da Economia Solidária e refletir coletivamente nas formas de estimular a prática desses princípios.



Ecossistema e Redes apresentaram diversos segmentos da Economia Solidária e suas interconexões de forma a poder vislumbrar novas possibilidades de atuação na Economia Solidária. Destacou-se os seguintes setores: Reciclagem; Artesanato; Finanças Solidárias; Agricultura Familiar; Vestuário; Gastronomia etc. Abordagem dos aspectos e possibilidades de comercialização relacionadas aos segmentos. Em relação às redes de cooperação, propôs-se desenvolver a compreensão acerca das relações entre os empreendimentos pautadas nos princípios da economia solidária que promovam o fortalecimento dos empreendimentos envolvidos e o livre fluxo entre eles criando novos patamares de coletivos, na construção do bem viver.

Organização, Gestão e Formalização sendo apresentado o Sistema de Economia Solidária: Gestão Pública, Conselhos, Fundos, Fóruns, Empreendimentos e Entidades de apoio; Demonstração dos tipos de trabalho associado: Associações, Cooperativas, Organizações, grupos informais, fábricas recuperadas; Concepção sobre a gestão do EES e diálogo sobre como estimular que sejam colocadas em prática a autogestão no cotidiano dos grupos produtivos.

Acesso às Políticas Públicas e Financiamentos que visou conhecer as principais fontes de fomento para a Economia Solidária nos diversos níveis, Federal, Estadual e Municipal que digam respeito ao território no qual está acontecendo o curso. Aprender a elaborar projetos para concorrer em editais e para acessar demais formas de captação de recursos.

Devido ao grande número de conteúdos e abordagens, alguns temas foram mais relevantes e trabalhados de forma mais qualitativa em comparação a outros. Entretanto, o que se verificou em conversas informais com no desenvolvimento das atividades com os alunos, é que grande parte da concepção e princípios da economia solidária foram aprendidos e (re)significados na vivência cotidiana dos participantes.

Outros pontos positivos foram a socialização de saberes e trocas de experiências durante as aulas (figura 2). Grupos de pessoas que atuam em diferentes setores econômicos como: artesanato, vendedores e produtores autônomos de produtos de higiene pessoal, e agricultores familiares, bem como pessoas que estavam fora do mercado de trabalho no momento discutiram conceitos, possibilidades e potencialidades de parcerias.



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-SOHNALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

Figura 2 - Momentos de atividades coletivas em sala de aula.



Fonte: Autores, 2024.

Durante as aulas foi possível observar nas falas de muitos alunos dos dois cursos que algumas ações relativas à economia solidária já eram desenvolvidas em seus cotidianos e vivências nas associações e comunidades, mesmo que não houvesse organização e consciência do entendimento do conceito.

Foi perceptível que o curso contribuiu para que os participantes adquirissem conhecimentos sobre os fundamentos da economia solidária e/ou aprimorassem suas ações e estratégias, promovendo o desenvolvimento e o amadurecimento das práticas solidárias nas comunidades.

Outro aspecto relevante para a presença dos alunos e alunas foi a atuação de um educador infantil, que permitiu uma participação mais qualitativa de mulheres com filhos pequenos, que deixavam as crianças sob a supervisão do educador, enquanto estavam nas atividades do curso.

Outro ponto de destaque foram as visitas técnicas, que proporcionaram vivências fundamentais para a formação crítica e o enraizamento territorial de diversos saberes e conhecimentos.



Um exemplo foi a visita à “V Feira de Sementes Crioulas de Andradina”. Município a cerca de 75 quilômetros de distância de Ilha Solteira, onde ocorre anualmente este evento (figura 3).

Figura 3 - Visita à “V Feira de Sementes Crioulas de Andradina”.



Fonte: Autores, 2024.

Durante o evento, os discentes tiveram a oportunidade de interagir, adquirir novos conhecimentos e compartilhar experiências com famílias assentadas em diversos municípios do interior do estado de São Paulo. A feira apresentava uma ampla variedade de sementes crioulas, bem como uma diversidade de outros produtos, incluindo verduras, legumes, frutas, flores e mudas de árvores, além de peças de artesanato.

Outra experiência significativa que contemplou as demandas das integrantes da Associação dos Artesãos de Ilha Solteira (AARTIS) foi a participação no evento “MegaArtesanal”, a maior feira de artesanato da América Latina (figura 4). Além de terem acesso a muitas novidades e se atualizarem quanto aos produtos, maquinários e insumos, obtiveram acesso à matéria-prima mais barata.



A viagem também foi a primeira oportunidade para muitas artesãs conhecerem a capital paulista.

Figura 4 - Visita a Feira Megartesanal em São Paulo



Fonte: Autores, 2024.

Outras visitas importantes aconteceram no município de Ilha Solteira, em várias localidades, como na Feira da COAF (Cooperativa de Produção, Industrialização e Comercialização dos Assentados e Agricultores Familiares), onde são comercializados variados produtos dos Assentados do município e região, com espaço para degustação de diferentes pratos típicos e tradicionais do país e do interior de São Paulo (figura 5).

Outros produtos são comercializados incluem doces caseiros tradicionais, compotas e itens de artesanato. Na ocasião, vários alunos e alunas do curso não tinham conhecimento da existência da Feira passando a frequentar e consumir os produtos ali comercializados, contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar do município.

Outra visita foi na sede da AARTIS, em que as artesãs compartilharam o histórico, bem como os desafios enfrentados e conquistas do grupo ao longo dos anos. Na ocasião foram relatadas histórias de vida e de luta das artesãs (figura 6).

Foi explanado a forma de funcionamento da Associação, a organização coletiva e procedimentos de reuniões e assembleias. Foram apresentadas as diversas oficinas propostas



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-SOUSA

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

pelas artesãs e os variados produtos e peças confeccionadas, bem como os materiais utilizados e suas funcionalidades.

Figura 5 - Visita a Feira da COAF em Ilha Solteira



Figura 6 - Visitas a AARTIS em Ilha Solteira



Fonte: Autores, 2024.



Outros locais também foram visitados como a Feira do Artesanato de Ilha Solteira, (FEART) e Festa Junina, eventos tradicionais do município que ocorrem em momentos distintos na praça central da cidade (Paiaguás). Nesses eventos, diversos produtores rurais e artesãos comercializam seus produtos (figura 7).

Desse modo, as visitas técnicas proporcionaram momentos de socialização dos participantes, criação e estreitamento de laços de amizade, trocas de experiências e vivências que fortalecem as relações e redes entre essas pessoas e outros diversos atores sociais do município e de moradores da região.

Figura 7 - Visita a Festa Junina do município



Fonte: Autores, 2024.

Outro momento importante foi a presença de artesãs da AARTIS e Assentados da COAF apresentando seus produtos em momentos de eventos do campus. Servidores e demais discentes de outros cursos tiveram contato, conheceram e trocaram vivências com os/as discentes dos cursos de economia solidária (figura 8).



Figura 8 - Apresentação de artesanatos no campus



Fonte: Autores, 2024.

Através das visitas técnicas, os alunos puderam compreender, as diferenças da economia e práticas econômicas que por vezes está voltada para a competição e a acumulação do lucro, e outras formas de pensar a economia, que se aproxima e conta com práticas da economia solidária. Oportunizar o contato com outras formas de pensar a economia é uma forma de mostrar aos alunos que a teoria aprendida em sala de aula pode ser colocada em prática.

De acordo com relatos das/dos participantes dos cursos de Gestão de Empreendimentos Econômicos Solidários e Agente de Desenvolvimento Cooperativista Solidário indicam que os dois cursos possibilitaram avanços significativos em termos de autonomia e uso de tecnologias digitais. Muitos dos participantes dos cursos elaboraram projetos com apoio técnico dos docentes e inscreveram seus projetos em editais de incentivo cultural do município de Ilha Solteira e estadual visando obter recursos para implementação suas ações, como por exemplo, oficinas de artesanato. Dentre os inscritos, alguns projetos foram contemplados.

Outro apoio relevante foi o aprendizado dos discentes por meio do uso de tecnologias simples e aplicativos de celular para elaboração de folders e materiais de propaganda para seus



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-SOUSA

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

produtos e eventos, facilitando assim, a disseminação de informações, divulgação de trabalhos e comercialização de produtos.

Dessa forma, o fortalecimento da identidade pessoal e coletiva dos grupos participantes do curso mostrou-se essencial para o reconhecimento desse público enquanto sujeitos históricos e políticos de transformação de seus territórios. Em outubro de 2024 foi realizada uma cerimônia de formatura com os formandos dos cursos (figura 9).

Figura 9 - Formatura das turmas 2024.



Fonte: Autores, 2024.

Contudo, não somente as políticas públicas como o Programa IPÊ são essenciais para garantir o acesso à formação, o fortalecimento das redes comunitárias e o reconhecimento da economia solidária, mas sobretudo o protagonismo daqueles que atuam em suas comunidades e territórios lutando e construindo uma economia além do capital. Dessa forma, Singer (2002) afirma que,

“O avanço da economia solidária não prescinde inteiramente do apoio do Estado e do fundo público, sobretudo para o resgate de comunidades miseráveis, destituídas do mínimo de recursos que permita encetar algum



processo de autoemancipação. Mas, para uma ampla faixa da população, construir uma economia solidária depende primordialmente dela mesma, de sua disposição de aprender e experimentar, de sua adesão aos princípios da solidariedade, da igualdade e da democracia e de sua disposição de seguir estes princípios na vida cotidiana” (SINGER, 2002, p. 112).

Nesse contexto, iniciativas como as desenvolvidas no IFSP – Campus Ilha Solteira demonstram o potencial transformador de políticas públicas que articulam formação profissional, educação popular e economia solidária. Porém a participação protagonista das/dos estudantes do curso proporcionaram avançar qualitativamente nas discussões e construção dos conceitos e princípios solidários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oferta e o desenvolvimento dos cursos de economia solidária no IFSP – Campus Ilha Solteira evidenciam o papel estratégico das políticas públicas na promoção do desenvolvimento social e econômico em territórios historicamente marginalizados. Ao articular formação técnica, socialização e vivências práticas, os cursos contribuíram para a construção coletiva de conhecimentos que desafiam a lógica tradicional do trabalho assalariado e da produção capitalista, abrindo caminhos para formas de produção e gestão mais cooperativas, democráticas e solidárias. Essas práticas não apenas promovem a geração de renda, mas também fortalecem os vínculos comunitários e a organização social, fundamentais para a sustentabilidade dos processos locais em busca da construção de uma Tecnociência Solidária.

Além disso, a experiência do IFSP – Campus Ilha Solteira reforça que a economia solidária não deve ser compreendida apenas como uma alternativa econômica, mas também como um projeto político-cultural que questiona as bases do sistema capitalista, reafirmando a importância de uma educação crítica que forma sujeitos capazes de construir novas narrativas e práticas sociais.

Por fim, reconhece-se a necessidade de aprofundar as pesquisas qualitativas que investigam os impactos das formações na gestão de associações e cooperativas, bem como a repercussão dessas práticas no desenvolvimento dos territórios. A ampliação do conhecimento sobre essas dinâmicas permitirá aprimorar as políticas públicas e os processos formativos, fortalecendo a economia solidária como uma via concreta para a construção de sociedades mais justas, democráticas e sustentáveis.



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-BONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

REFERÊNCIAS

DAGNINO, Renato. **Tecnociência solidária: um manual estratégico**. Marília: Lutas Anticapital, 2019. 161 p. ISBN 978-85-53104-36-9

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO - IFSP. Programa de Economia Solidária. Disponível em: <<https://www.ifsp.edu.br/economiasolidaria>>. Acesso em 13 de julho de 2025.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal** - 21ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2011

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária** – 1ª edição - 6ª reimpressão – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. ISBN 85-86469-51-3